

Entre Zonas de Fronteira da Paisagem

Uma leitura do Parque Florestal Urbano da Serra do Aracy em São Carlos/SP

EIXO TEMÁTICO 5: PROCESSOS FORMATIVOS SOBRE A PAISAGEM

Pedro Bittencourt Fonseca Soares / pedro_bittencourt@usp.br

Renata Michelon Cocco / renatamcocco@usp.br

Luciano Bernardino da Costa / lbcosta@sc.usp.br

Luciana Bongiovanni Martins Schenk / lucianas@sc.usp.br

RESUMO

Por meio da associação do caminhar, como experiência sensível do corpo no espaço, e do fotografar, como produção e composição de imagens, busca-se elaborar uma leitura crítica das paisagens que compõem as zonas de fronteira do Parque Urbano Florestal localizado na encosta do Córrego da Água Quente, próximo ao Bairro Cidade Aracy em São Carlos (SP). A partir dessa leitura, propõe-se uma reflexão sobre os elementos, fenômenos, relações e processos que qualificam as zonas de fronteira reais do parque, já que se questiona o estabelecimento de limites políticos como fronteiras abstratas e administrativas impostas pelo Plano Diretor. Desse modo, através da articulação entre narrativas e imagens, propõe-se uma cartografia geopoética sobre a delimitação do parque e suas relações marginais. Assim, a investigação busca revelar as camadas sensíveis que compõem a paisagem e criar diálogos com os futuros possíveis manifestos no espaço, ao olhar o parque através de suas fronteiras historicamente construídas, principalmente na relação contemporânea entre natureza e cultura.

PALAVRAS-CHAVE: leitura da paisagem; parque urbano; caminhar e fotografar; cartografia geopoética.

ABSTRACT

Through the association of walking—as a sensorial bodily experience in space—and photographing—as the production and composition of images—this study seeks to develop a critical reading of the landscapes that constitute the border zones of the Urban Forest Park located along the slopes of the Água Quente stream, near the Cidade Aracy neighborhood in São Carlos (SP). From this reading, a reflection is proposed on the elements, phenomena, relationships, and processes that define the park's real border zones, questioning the establishment of political limits understood as abstract and administrative frontiers imposed by the Master Plan. In this way, by articulating narratives and images, the research proposes a geopoetic cartography of the park's delimitation and its marginal relationships. Thus, the investigation aims to reveal the sensitive layers that compose the landscape and to foster dialogues with the possible futures manifested in space, by looking at the park through its historically constructed boundaries, especially within the contemporary relationship between nature and culture.

KEYWORDS: landscape reading; urban park; walking and photographing; geopoetic cartography.

1 INTRODUÇÃO

Entre limites e infinitudes, há zonas de fronteira – espaços de transição onde os opostos coexistem e se contaminam. Não são linhas fixas, mas lugares onde atmosferas se compõem e se dissolvem, e onde o corpo, ao tocar e sentir, reconhece a mutabilidade de

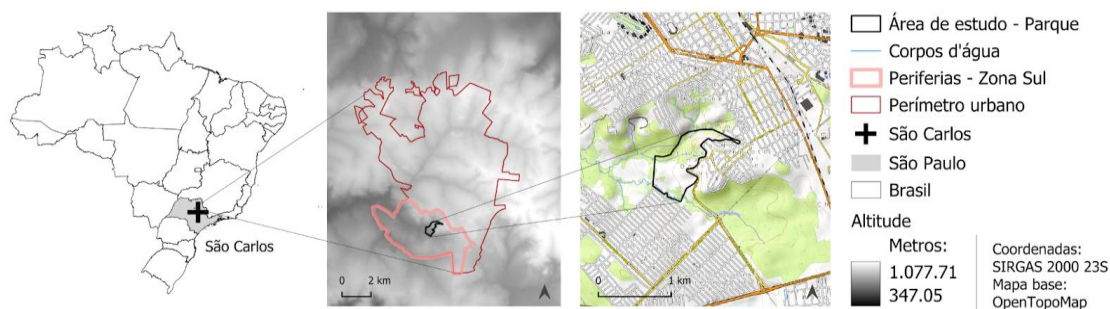
suas bordas. Nessa zona de intersecções, o pensamento de Bruno Latour (2020) convida a desfazer a cisão entre natureza e cultura, revelando que esses domínios, embora distintos, se entrelaçam de forma inseparável. Sob essa perspectiva, a paisagem surge como uma trama viva de relações entre humanos e não humanos – entes materiais e imateriais que, ao agir e reagir, tecem ativamente o próprio mundo. Segundo o autor, esses não humanos não são objetos passivos, mas agentes que, junto aos humanos, produzem a realidade e impulsionam transformações. Como destaca Latour (2020), “é a tensão que faz o ator”, ou seja, é no atrito entre os agentes que o espaço se cria e ganha espessura.

Segundo Anne Spirn (1988), a forma da cidade é vista como o resultado de narrativas complexas sobrepostas por camadas, as quais em conjunto compõem o contexto e as histórias que conectam pessoas e lugares. De acordo com a autora, essas camadas revelam tanto função e materialidade, quanto sensações, significados simbólicos e contemplação. Representam, assim, um diálogo entre natureza e cultura, ideia central para o pensamento de uma nova estética da paisagem a partir da realidade geográfica dos mundos vividos (Besse, 2006).

Na linha de investigação sobre esta poética entre natureza e cultura colocada por Spirn e Latour, de acordo com Besse (2006, p. 89), “a geografia fenomenológica não procura revelar aos homens o sentido oculto dos lugares, mas ela procura aprender como, no contato com os lugares, as significações ‘pegam’ (...) num fenômeno de emergência que é a aparição inata de um sentido”. Ainda segundo o autor, o próprio sentido profundo da paisagem revela-se muito mais mundo do que natureza, ou seja, é muito mais olhar vivo, intencionalidade, desdobramento, imaginário das próprias dimensões do seu “ser” humano na Terra. Sendo assim, para resumir o conceito de paisagem e fenomenologia que se investiga neste trabalho, “a paisagem exige, para ser, um corpo de carne, um olhar encarnado” (Besse, 2006, p. 92).

A partir deste debate conceitual sobre as relações entre natureza, cultura e paisagem trazidos contemporaneamente por Latour, Besse e Spirn, este trabalho tem como área de estudo o espaço livre denominado Parque Florestal Urbano, localizado na cidade de São Carlos, São Paulo, Brasil (Figura 1). Segundo o Plano Diretor (São Carlos, 2016), o Parque é considerado uma Área de Especial Interesse Ambiental (AEIA), localizada na serra que dá acesso ao sul da cidade, área que compreende o bairro Cidade Aracy. Além de ser uma paisagem visualmente marcante pela mudança brusca de altitude entre a região norte e a sul (superior a 200m), trata-se de uma zona periférica com diferentes conflitos socioambientais entre ocupações humanas e natureza construídos a partir da década de 1980 (Lima; Schenk, 2012).

Figura 1 - Cartografia de localização do Parque Urbano na Serra do Aracy em São Carlos.



Fonte: Autores, 2025.

Do ponto de vista da organização social, o Parque Urbano 1 ou Parque Urbano Florestal, que ainda não possui um nome específico, está delimitado entre os seguintes bairros marginais da encosta, sendo os da parte alta: Jardim Pacaembu, Jardim Gonzaga e Vila Monte Carlo; e os da parte baixa e próximos ao córrego: Aracy e Aracy II. Atualmente essas periferias que compõem a zona sul e arredores do parque são as áreas mais populosas da cidade, mas que ao mesmo tempo possuem carência de serviços básicos, como acesso à moradia, saneamento e praças e parques com infraestrutura adequada para a prática de atividades ao ar livre. É importante destacar que notoriamente há espaço livre disponível para o planejamento de áreas verdes nas margens próximas ao córrego, porém ao que parece, desde a criação do loteamento não houve a intenção dos gestores públicos em projetar espaços de lazer adequados nestas periferias.

Do ponto de vista da fisionomia da paisagem e usos do solo, essa zona também se caracteriza como área limítrofe entre o urbano e o rural, com fronteiras demarcadas por relações e apropriações entremeadas por memórias fortemente ligadas ao contexto rural. São espaços com fronteiras muito permeáveis e plurais - da transição da vegetação de mata para a campestre ou ainda, da mata esparsa que se transforma em lavoura temporária. Gilles Clément (2022), ao caracterizar os limites dos baldios na cidade, denomina-os como uma Terceira paisagem. O autor menciona que as fronteiras destas áreas possuem uma espessura biológica, ou seja, são limites biológicos e não linhas administrativas (Clément, 2022).

Estes limites biológicos, por sua vez, são dotados de uma riqueza geralmente superior a suas zonas centrais e no caso do Parque, devem ser investigados como importantes baldios remanescentes do bioma Cerrado com forte presença das águas que nascem na serra e correm pelo vale ao encontro do Córrego da Água Quente. Assim, biologicamente essa área se situa dentro dos limites da Microbacia Hidrográfica do Córrego da Água Quente, a qual faz parte da Bacia Hidrográfica do Monjolinho e engloba toda a malha urbana da cidade.

A partir deste contexto, o presente trabalho parte do questionamento de duas perguntas centrais que podem ser reconhecidas como lacunas de pesquisa. Primeiramente, essa zona delimitada como o “Parque 1” pelo Decreto nº 170 de 17 de julho de 2017 (São Carlos, 2017), o qual cria os parques urbanos do município de São Carlos, pode ser considerada como um parque? Problematisa-se aqui as fronteiras políticas da paisagem, ou seja, até que ponto o *zoning* do Plano Diretor é real, já que ele dá conta de elencar uma espécie de plano ambientalista para a paisagem ao impor usos de lazer, proteção e educação ambiental, quando na verdade, as fronteiras geológicas e apropriações sociais podem revelar outros processos.

Nessa linha de investigação, como segunda questão principal, busca-se entender: como se qualificam essas zonas de fronteira através da fotografia? Nesse momento, a pesquisa busca entender que elementos podem definir esses limites reais da zona onde se situa o parque, isto é, do ponto de vista fenomenológico, quais atmosferas definem aquela paisagem? Nesse sentido, emprega-se a fotografia e a caminhada como métodos de leitura da paisagem enquanto parte das experiências sensíveis do corpo no espaço (Careri, 2013).

Sendo assim, o objetivo principal deste trabalho é realizar uma leitura crítica das zonas de fronteira do parque ao mesmo tempo em que metodologicamente busca retomar as

relações sensíveis entre paisagem e fotografia para a compreensão do que qualifica atualmente suas zonas reais. Logo, constrói-se um eixo de análise entre o *corpo*, a *imagem* e a *reflexão* para a ancorar a crítica da inconsistência na delimitação do parque urbano (Didi-Huberman, 2020).

2 METODOLOGIA

O presente trabalho se caracteriza como um estudo de caso do Parque Urbano Florestal da Serra do Aracy e a partir do objetivo central, metodologicamente de acordo com Careri (2013), o processo de leitura tem o percurso da caminhada como elemento norteador, principalmente para a leitura fenomenológica, do corpo a corpo com a paisagem através do uso da fotografia. Segundo Georges Didi-Huberman (2020; 2017), a narrativa construída a partir das imagens esboça sua fenomenologia, pois possibilita olhá-las de perto, situar seu teor histórico e compreender seu valor perturbador para nosso próprio pensamento.

Primeiramente para o trabalho de campo, foram realizadas três visitas à área de estudo. Nesse momento, tanto o caminhar quanto o fotografar foram realizados de forma espontânea, sem roteiros, mas sempre observando atentamente a presença de ruas, trilhas, becos, rastros, portões ou qualquer tipo de brecha que possibilitasse o acesso físico e visual à área.

Após cada visita, como método para estruturar a articulação entre percurso e fotografia, bem como ilustrar o reconhecimento das diferentes zonas de fronteiras investigadas, foi produzida uma cartografia crítica do caminhar com olhar geopoético. Segundo Jameson (1988), a cartografia crítica reaviva o conceito de mapeamento cognitivo da cidade, na qual o pesquisador supera a visão de topo para dar visibilidade às territorialidades manifestas no caminho. Pelo olhar geopoético, o rigor é ressignificado e a precisão cartográfica se atrela ao decalque, no qual o mapear se torna aberto às experimentações e movimentos da vida. Bouvet (2012) menciona que a geopoética cria um novo território, de relacionamento intenso com o mundo:

“Se essa relação for sensível e inteligente, fértil, teremos um mundo no pleno sentido do termo, um espaço agradável para viver; se, ao contrário, essa relação for inepta, insensível, para não dizer brutal e exploradora, nós só teremos um mundo estéril e vazio”. (BOUVET, 2012, p. 12)

Desse modo, o mapa localiza criticamente, ou seja, marca a intenção do sujeito caminhante, observador e também cartógrafo, de registrar as diferentes camadas destas “zonas de experiências” que se fundem às fisionomias, usos e valores humanos e não humanos presentes naquele lugar. Segundo Spiri (2014; 1988), esses diálogos entre mundo interior e exterior de quem lê a paisagem são essencialmente estéticos, pois envolvem todos os sentidos e são inerentes à teoria da poética entre cidade e natureza, isto é, da compreensão da natureza e da cultura como processos interligados em uma ordem complexa de escalas, espaço e tempo.

Após as visitas de campo e mapeamento, foi selecionado o conjunto de fotografias que estruturam a narrativa sobre o questionamento e a qualificação das fronteiras do parque. Nesse sentido, metodologicamente, as imagens atuam como testemunho em uma relação

dialética umas com as outras juntamente com o texto escrito, e não de maneira isolada (Didi-Huberman, 2020). Já a paisagem é o encontro transversal com a imagem, pois através de seus elementos físicos ou experienciais, dá sentido a um processo de leitura que é subjetivo e complexo, mas que é sobretudo, reflexivo, pois segundo Samain (2012, p. 21), “desvendar algo da maneira como a imagem nos provoca a pensar, nos convoca a pensar”.

Sobre as ferramentas empregadas para a produção das fotos, foram utilizadas câmeras fotográficas de *smartphones*. Para a criação da cartografia das fronteiras foi utilizada a plataforma livre de mapeamento colaborativo *Felt* e o *software QGIS*. E para a edição da resolução e do contraste das fotografias, foi utilizado o *software Adobe Lightroom*.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por meio da experiência direta, foram distinguidas oito zonas de fronteira ao longo do trajeto, caracterizadas pela relação observada entre os espaços e as formas de ocupação de seus habitantes. Estas relações foram apreendidas pelos caminhantes a partir da presença ou ausência das sensações de continuidade e permeabilidade, física ou visual; e dos elementos que se estendem pela paisagem e compõem o parque, dentro ou não de seus limites políticos. São fronteiras entre o rural e o urbano; o público e o privado; a permeabilidade e a invasão; o visto e o escondido; o vigiado e o abandonado; o social e o ambiental; o humano e o não-humano; o cuidado e o desrespeitado; o plano e a declividade; a água e o relevo.

Essas zonas se revelam por si mesmas, pois são a própria marca daquela paisagem, na qual a experiência corporal e os registros fotográficos buscam desvelar seus significados. No caminho percorrido, ilustrado através de uma cartografia do caminhar (Figura 3), as fronteiras se definem como trechos que, por si, expressam símbolos marcantes da paisagem. A narrativa que segue busca articular o corpo, a visão e a reflexão ao desvelar as oito fronteiras.

Figura 3 - Cartografia do caminhar.



Fonte: Autores, 2025.

3.1 O Terreno

Nas margens do bairro Jardim Pacaembu, próximo a um Jardim Agroflorestral desenvolvido pela escola vizinha, surge uma passagem pela cerca, fruto da necessidade dos que ali habitam. Ao atravessá-la, a vista vacila entre o grande terreno quase plano e as encostas dos vales que o circundam. Ao adentrar o espaço, observam-se as marcas dos caminhos gravados em seu chão e que indicam diferentes direções: um deles conduz às ocupações irregulares; os outros se diluem na imensidão. Seu solo é composto por grandes afloramentos de rochas, pedriscos e areia. Um relevo onde trilhas de formiga serpenteiam por todos os cantos e as pegadas revelam que os habitantes do espaço não são apenas humanos. A vegetação é esparsa, típica do cerrado, com árvores retorcidas de pequeno porte e forrações, além de vestígios de apropriações sob suas sombras. São bancos improvisados, cinzas de fogueiras, telhas velhas e outros resíduos do estilo de vida humana.

Por esses caminhos (Figura 4) chega-se a uma grande pedra incrustada na borda do terreno, desenhando os limites do platô: a Pedra do Centro do Vale (Figura 12). Nela, há um ponto de paisagem onde se avista todo o Vale da Nascente Direita do Córrego da Água Quente, a declividade de suas encostas e as manchas de vegetação nativa de onde brota esse corpo d'água. Nota-se que muitos já desfrutaram dessa vista, pois a pedra traz entalhes humanos, marcas deixadas por aqueles que queriam gravar seus nomes e sentimentos naquela paisagem.

Da fronteira da cerca até a pedra, o espaço é pouco habitado por humanos e não se integra à malha urbana, conservando uma certa latência de paisagem. No entanto, ao investigar o seu “dono”, o mapa de 2017 localiza seus limites fora do perímetro do parque, fato que causa estranhamento por se tratar atualmente de um terreno de propriedade aparentemente privada. Ao zonear as áreas ambientais, o mapeamento do Plano Diretor insinuou que este terreno era parque, mas diante desse impasse, fica a pergunta: porque essa paisagem não pode mais ser parque?

Figura 4 - Composição 1: Um caminhar guiado pelos caminhos de pés humanos ou não.



Fonte: Autores, 2025.

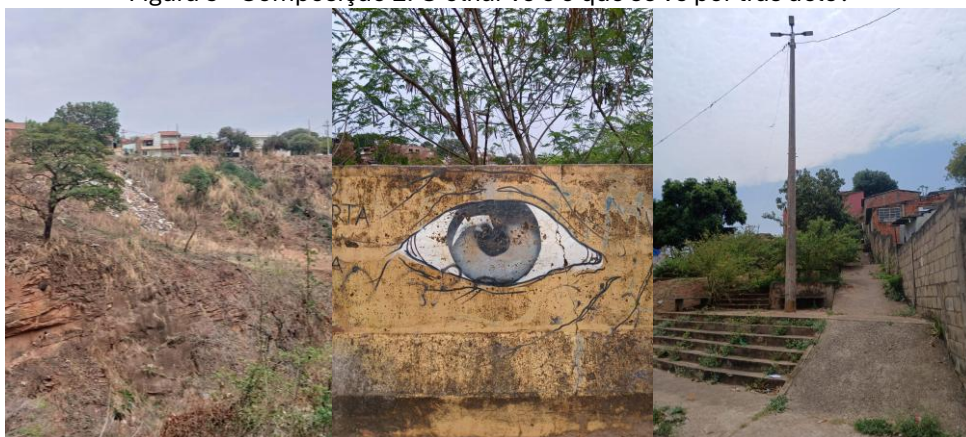
3.2 O Bairro Alto

A malha urbana encontra a vegetação no limiar, onde o planalto termina e a encosta despenca. Na maior parte do Bairro Alto, a relação é delimitada pelo muro do fundo das

casas, sendo que alguns espaços livres permitem visualizar a paisagem verde como plano de fundo. Os limites físicos do parque abrangem os espaços vegetados entre os bairros do Jardim Gonzaga e a Vila Monte Carlo. Limites estes a sul da mancha urbana de São Carlos, os quais conectam-a aos bairros da Grande Cidade Aracy. No Jardim Gonzaga é visível a vulnerabilidade ambiental que se mescla à desigualdade socioeconômica do bairro em contraste com as demais regiões da cidade. Por outro lado, em alguns espaços livres pode-se observar as relações dos seus habitantes com a paisagem, em alguns pontos de interação física ou apenas visual com os espaços do parque.

Nas suas manchas de vegetação surgem algumas moradias construídas de forma improvisada, indicando que a falta de uma moradia formal acarreta na necessidade da ocupação de espaços não supervisionados. Isso acontece em um dos pontos altos da paisagem – a Praça dos Olhos – um espaço entre duas ruas sem saída ligadas por uma escada com patamares. Nesse local visivelmente não há manutenção pelo poder público, o que contrasta com a vigilância constante da arte, representada aqui por um par de olhos grafitados em frente às escadas (Figura 5). Ali é possível observar tanto as grandes massas de rochas e vegetação nas encostas, quanto os resíduos que são empurrados para sua margem, na qual por curiosidade facilmente se adentra a vegetação, pela parte de trás dos olhos desenhados.

Figura 5 - Composição 2: O olhar vê e o que se vê por trás dele?



Fonte: Autores, 2025.

Outro ponto onde ocorrem relações semelhantes, é em uma praça circundado por vegetação, onde é possível ver na beirada da encosta, alguns interstícios com resíduos e água, o que indica ser a nascente de um córrego. Nessa área de lazer com brinquedos infantis, bem lá no alto – no fio do poste luz – encontra-se um par de sapatos entrelaçados pelo cadarço. Nessa Praça dos Sapatos, tanto o sapato, quanto o fato de toda esquina ter uma dupla de pessoas, conversando e observando os que passam, podem indicar um ponto de venda de drogas ilícitas. Este espaço é constantemente vigiado, de relações não aceitas pela fiscalização pública e onde a permanência de estrangeiros pode estar sendo sempre observada pelos “olhos da rua”. É um espaço que pode ser estranho para quem pertence a ele e que gera insegurança ao querer fotografar pelo receio de que o outro questione o motivo, já temendo a fiscalização.

Em outros pontos do bairro a apropriação da paisagem se desenvolve de outras maneiras, como é o caso de uma área pública de praça que pelo seu uso indevido, foi protegida por

uma moradora e vizinha. O que antes era aberto e degradado, agora é cercado e cuidado. Um espaço em que se cultiva a agricultura com a criação de animais, destinada aos moradores do bairro. Mesmo estando cercada por fragilidades socioambientais, essa estética do cuidado se sobressai, como também acontece em canteiros ao longo das calçadas, nos quais moradores plantam flores em meio a pontos de entulho e saídas de esgoto lançados no córrego (Figura 6).

Figura 6 - Composição 3: A estética do cuidado contra a violência do desrespeito.



Fonte: Autores, 2025.

A Praça da Nascente Seca é marcada por ser a nascente direita do Córrego da Água Quente, desenhada pela dinâmica das águas e impregnada pelo descarte incorreto daquilo que é considerado “sobra” do consumo humano. É uma área onde se torna nítida a coexistência das espécies, sejam elas humanas, vegetais ou animais, como porcos, galinhas, vacas, ovelhas, cabritos e cavalos.

3.3 A Beirada

Em outra zona contígua à malha urbana, na Vila Monte Carlo, há uma área plana entre a rua e o limiar da encosta, ou seja, uma paisagem que vislumbra o horizonte e amedronta pela iminência da queda. É um espaço aberto, que se abre cada vez mais pela erosão pluvial, e é diariamente marcado pelo caminho dos resíduos criado pelas pessoas que tentam esconder o que não lhes convém mais. Com essa atitude, produzem um desbarrancamento de resíduos descartados em queda livre pela encosta abaixo. Por entre marcas e cheiro de queimado, pela presença de ravinas e voçorocas, entende-se porque esse espaço foi destinado a uma área de recuperação do parque, pois vestígios de uma antiga terraplanagem marcam a intenção de conter este solo.

Figura 7 - Composição 4: A paisagem que escorre e esconde o transbordado.



Fonte: Autores, 2025.

Nesse limiar da paisagem, há uma pedra que se precipita para a frente da encosta, ressaltando a amplitude da vista e do som da cascata que despenca do vértice do cânion. Da Pedra da Cascata – primeiro se ouve e depois se vê – uma queda d’água que do alto jorra para dentro da imensidão do vale. Como informado imediatamente após a descoberta, um morador do bairro explica que a máquina de bombeamento da Estação de Elevação de Esgoto não está funcionando, de modo que todo o esgoto é a própria cascata, lançada cruamente no vale rumo ao córrego. O córrego que, gota a gota, um dia também irá desaguar no Tietê.

3.4 A Trilha

Na margem desta planície, nota-se mais claramente nos meses de seca, a existência de barracos de ocupação, os quais se escondem por entre cercas vivas e se é possível adentrar a paisagem através de um caminho demarcado no chão pelo uso que leva ao Túnel do Agricultor. Trata-se da fronteira mais brusca e demarcada até agora e que leva a uma trilha de dois caminhos: a de um trecho marcado por humanos e o seguinte, por não-humanos.

Primeiramente ao se deparar com o túnel, surge uma dúvida, uma oscilação entre a permeabilidade do espaço e a invasão à uma moradia, em que o corpo pode se questionar pelo pertencimento àquela paisagem. Ao adentrar o túnel verde e seguir alguns metros de trilha, o som da enxada ecoando nas pedras anuncia um morador que, na ocasião, plantava sua lavoura de feijão. Segundo seu relato, o caminho leva a uma outra descida até o bairro Cidade Aracy, rota secreta que corta a delimitação do Parque Urbano por dentro da “Serrinha do Aracy”. A experiência da trilha conduz a uma dança do corpo, ao adaptá-lo conforme a suas sinuosidades, ora desenhado pelos humanos, ora pelos animais, como também pela variação entre ausências e multiplicidade de rotas, o que desperta incerteza, surpresa e também desafio.

O trajeto da trilha é rodeado por essa relação rural e urbana ao mesmo tempo com a paisagem. Uma paisagem que alimenta através da agricultura e que pode ser considerada uma atividade informal naquele parque, mas que apesar disso, faz parte da paisagem enquanto memória para as pessoas que ali habitam e cultivam. No fundo do Vale, um cavalo descansa junto à sombra da mata e do corpo d’água que corre entre um caminho de pedras, cheiro de esgoto e objetos humanos que se agarram às suas margens.

Figura 8 - Composição 5: Limites porosos e oscilantes: permeabilidade ou invasão?



Fonte: Autores, 2025.

3.5 A Descida

Do planalto, na zona de margem da malha urbana central de São Carlos, a Avenida da Integração serpenteia pela encosta da serra e liga até os bairros da Grande Cidade Aracy, a periferia da periferia, ligando o sistema viário principal a esse fragmento urbano da cidade. O caminho estreito e sinuoso delimitado pela via, cercado por vegetação e pedras íngremes e com poucas aberturas ao corpo, vai acompanhando os limites políticos do parque urbano. Seu percurso constrói uma sequência de vistas: o vale com vegetação nativa, a planície da área de recuperação e a malha urbana do Cidade Aracy que sobe o morro na outra lateral do córrego da Água Quente. Para quem desce é uma experiência contemplativa (Figura 9). Para quem sobe é um desafio de resistência. Mas também é desenhado por esta paisagem um ponto que se sobressai na amplidão da vista: um vértice formado por um ângulo agudo no relevo é ilustrado pelo que chamamos de “a curva-cotovelo”.

Figura 9 - Um ponto de paisagem.



Fonte: Autores, 2025.

3.6 As Ruínas

O encontro entre a Avenida da Integração e o caminho que leva à Ponte de Madeira é marcado pela dança tortuosa das motos, que cortam o caminho e se entrelaçam com a passagem dos caminhantes. Num primeiro momento, o limite do parque é a cerca que separa esse trajeto de marcas humanas do abandono que se encontra atrás dela. Em um segundo momento, as ruínas que abrangem grandes voçorocas às margens do córrego da Água Quente marcam esse limite. Desbarrancadas pela indiferença humana e assoreando lentamente o corpo d'água, são também ruínas nesta paisagem, como a moradia precária esquecida naquele lugar e rodeada por vestígios de agricultura.

O percurso é guiado por uma trilha em meio a ossos de animais, que no passado serviram de alimento naquele espaço. O corpo experimenta e vacila entre as abruptas crateras desenhadas pelo caminho do córrego (Figura 10). No entanto, ao se afastar da água e das crateras, o plano de fundo da paisagem é desenhado pela imensidão plana do bairro Cidade Aracy, que sobe o morro e acompanha o córrego ali da outra margem.

Figura 10 - Composição 6: O corpo e no corpo na paisagem.



Fonte: Autores, 2025.

3.7 O Bairro Baixo

Nas margens do Córrego da Água Quente, logo após atravessar a Ponte de Madeira, onde a malha urbana do bairro Aracy e Aracy II tocam o leito da água, o Bairro Baixo era uma área destinada ao lazer pelo zoneamento urbanístico. No entanto, sem um uso prévio, ela foi ocupada por aqueles que não tinham moradia e por estar próxima a estrutura urbana. Neste bairro, as casas são próximas umas às outras e muitas têm as portas abertas devido à relação próxima entre os moradores, o que leva, em um primeiro momento, ao estranhamento e ao receio de se adentrar à rua, já que o pertencimento da população ao espaço é visível. Assim, o corpo se questiona se ele faz parte do espaço, já que a permeabilidade nesse momento parece beirar a invasão.

Entre as ruas de terra, a lógica das relações se difere das demais áreas do bairro. Com as portas voltadas diretamente para a rua ao invés de muros de separação, as crianças brincam, os animais de estimação passam e o barulho da vida dos moradores atravessa os limites cuidadosamente marcados dos lotes. Sabe-se constantemente da presença do córrego, já que o fundo das moradias está em seu leito, o que provavelmente com as

chuvas faz com que as águas ultrapassem os limites das casas. Assim, só é possível enxergar diretamente o corpo d'água ao seguir o caminho dos resíduos, onde os vestígios humanos revelam então, a água.

Figura 11 - Composição 7: Nem rural, nem urbano, simultâneo.



Fonte: Autores, 2025.

3.8 A Área de Recuperação

Como ponto de saída da trilha iniciada do Túnel do Agricultor ou pelo acesso através de uma estrada rural que parte de outro ponto do bairro Aracy II, a Área de Recuperação possui gravado no solo a marca antiga de grandes movimentações de terra. Essa é a maior área dentro dos limites do parque, sendo que o decreto que cria o Parque Urbano 1, delimita seu perímetro entre a Avenida da Integração e a Gleba destacada da Fazenda Santa Clara como um “lote rural destinado à agricultura”. Entretanto, mesmo com o traçado do plano sendo reto, na realidade, suas fronteiras políticas são indistinguíveis na paisagem, exceto por uma cerca degradada, na qual supõe-se ser o limite.

O mesmo decreto ainda estabelece um rasgo no parque, isto é, uma servidão de passagem à essa gleba rural, a qual provavelmente passa por onde uma estrada rural existente já corta a área ao meio. Dessa paisagem ampla se consegue enxergar o paredão verde das encostas e a abertura para o Vale da Nascente Direita do Córrego da Água Quente, como se esta perspectiva mais baixa do vale espelhasse ou então, encaixasse, o outro ponto de vista localizado exatamente no ponto mais alto da Pedra do Centro do Vale (Figura 12).

Nessa área, a vegetação rasteira é predominante e combina a braquiária exótica com os campos nativos de cerrado, de modo que o pequeno porte da vegetação sugere um capim recentemente recuperado após o período de seca e fogo. Além disso, dentro dos limites do parque estabelecidos por lei, há um ponto que se destaca do entorno: uma moradia que parece um sítio, onde bezerros, vacas e bois curiosos se aproximam dos visitantes (Figura 11).

Figura 12 - Composição 8: Paisagens que se encaixam, horizontes que se espelham.



Fonte: Autores, 2025.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenvolvimento da pesquisa, entre as caminhadas e as fotografias, floresceram as zonas de fronteira pelo corpo a corpo na paisagem. Assim, percebeu-se que as fronteiras da paisagem do parque são as marcas de diferentes elementos, fenômenos, relações e processos de apropriação do espaço, ora consolidadas, ora apenas sugestionadas. Mais que linhas demarcadas, são áreas de interface com diferentes espessuras, que podem ser manifestas pelo corpo na experiência direta com a realidade que o cerca.

Apesar da inconsistência de uso proposto pelo poder público, são nas brechas descobertas pela caminhada que se observa a verdadeira utilização do espaço. A área estudada, enquanto paisagem, mostrou-se ir além do que está delimitado na cartografia “oficial” da prefeitura. Assim, frente a uma fronteira política abstrata, a leitura fenomênica da paisagem, bem como o contato verbal ou não com os moradores, mostrou que o parque é em si, composto por zonas híbridas, onde natureza e cultura já não se opõem, mas se entrelaçam em negociações e adaptações mútuas, revelando os modos contemporâneos de habitar e significar o mundo.

Observou-se também, que apesar do estigma negativo atribuído às periferias, nessas paisagens cotidianas há muita excepcionalidade. Cabe aqui ressaltar que esta característica não está oculta no espaço, porém não lhe foi dada a chance de ser lida, interpretada, investigada e sobretudo, sentida. Por serem zonas marginais da malha urbana, além da visceral vulnerabilidade socioambiental, esses estigmas acarretam no distanciamento dos habitantes de outras partes da cidade para com esta paisagem local, excepcional para toda a cidade.

Logo, pode-se concluir que, para além do que foi destinado aos limites políticos da paisagem do parque, o próprio espaço indica suas vontades, necessidades e potenciais, cabendo ao corpo adentrar e desvelar suas sutilezas, ao invés de simplesmente impor ou decretar. Dessa maneira, entende-se que o futuro do parque pode ser projetado a partir das forças latentes lidas no espaço. Um futuro que já se apresenta de forma sensível no presente da paisagem.

REFERÊNCIAS

- BESSE, Jean-Marc. Entre Geografia e Paisagem, a Fenomenologia. *In: Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*. Tradução de Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2006, p. 75-95.
- BOUVET, Rachel. Como habitar o mundo de maneira geopoética? **Revista Interfaces Brasil/Canadá**. São Paulo, v. 12, n. 1, p. 9-15, 2012.
- CARERI, Francesco. **Walkscapes**: o caminhar como prática estética. Tradução Frederico Bonaldo. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.
- CLÈMENT, Gilles. **Manifesto da Terceira paisagem**. Tradução de Lúcia Leistner. Billère: Maison des éditions, 2022. [Le Tiers paysage, 2004].
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Imagens apesar de tudo**. Tradução de Vanessa Brito e João Pedro Cachopo. São Paulo: Editora 34, 2020.
- _____. **Cascas**. Tradução de André Telles. São Paulo: Editora 34, 2017.
- JAMESON, Fredric. Cognitive Mapping. *In: NELSON, C.; GROSSBERG, L. Marxism and the interpretation of culture*. Illinois: University of Illinois Press, 1988. P. 347-360.
- LATOUR, Bruno. Sobre a instabilidade da (noção de) natureza. *In: LATOUR, Bruno. Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno*. Ubu Editora, 2020.
- LIMA, Maria Cecília Pedro Bom de; SCHENK, Luciana Bongiovanni Martins. Concepção de espaços livres contemporâneos: o bairro de Cidade Aracy em São Carlos. *In: Simpósio Internacional de Iniciação Científica da Universidade de São Paulo - SIICUSP, 2012, São Paulo. Anais...* São Paulo: USP/Pró-Reitoria de Pesquisa, 2012.
- SAMAIN, Etienne. **Como pensam as imagens**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.
- SÃO CARLOS. **Lei nº 18.053, de 19 de dezembro de 2016**. Estabelece o Plano Diretor do Município de São Carlos (PMSC). São Carlos, SP: Prefeitura Municipal de São Carlos, 2016.
- _____. **Decreto nº 170 de 17 de julho de 2017**. Cria os parques urbanos de proteção, lazer e educação ambiental no Município de São Carlos e dá outras providências. São Carlos, SP: Prefeitura Municipal de São Carlos, 2017.
- SPIRN, Anne Whiston. **The Eye Is a Door: Landscape, Photography, and the Art of Discovery**. Minneapolis: Wolf Tree Press, 2014.
- _____. The Poetics of City and Nature: Towards a New Aesthetic for Urban Design. **Landscape Journal: Design, planning and management of the land**, v. 7, n. 2, p. 108-126, 1988.